

PRODUÇÃO NO CIBERESPAÇO: UMA QUESTÃO DIALÓGICA

Luciene Fontão

Mestre em Lingüística Aplicada ao Texto e Ensino - UFSC

Professora de Língua Portuguesa

Secretaria da Educação da Prefeitura de Florianópolis/SC

Resumo: O artigo visa apresentar uma discussão sobre a experiência nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ocorrida em curso de pós-graduação em que o foco refletia a necessidade de conhecimento da rede semântica imbuída na recepção dos textos e posterior produção intelectual. Nesse espaço o diálogo, a interação e a linguagem tornaram-se ao mesmo tempo um fator facilitador e um delimitador em relação aos procedimentos, encaminhamentos e realização das atividades.

Palavras-Chave: Interação; Hipertexto; Ciberespaço; Aprendizagem.

Abstract: The article aims at to present a quarrel on the experience in Virtual Environments of Learning (AVA) occured in after-graduation course where the focus reflected the necessity of knowledge of the net semantics imbuída in the reception of the texts and posterior intellectual production. In this space the dialogue, the interaction and the language had become at the same time a facilitador factor and a delimiter in relation the procedures, encaminhamentos and accomplishment of the activities.

Keywords: Interaction; Hipertexto; Ciberespaço; Learning.

Uma produção no ciberespaço pressupõe, antes de tudo, diálogo e interação em um ambiente virtual em que as ferramentas sejam acessíveis e adequadas à criação, considerando a articulação de idéias e pensamentos afinados com os objetivos pré-estabelecidos entre os componentes do grupo de acesso. Refletir esta questão leva a pensar não só no hipertexto, mas no conjunto de possibilidades de gêneros textuais que podem e devem ser veiculados. A linguagem é também uma questão a ser pensada e refletida em seu nível de articulação, já que os membros da comunidade virtual de aprendizagem, quando se pensa em um curso on line, necessitam usar de um nível de linguagem comum, cujo domínio do léxico e dos conceitos ali veiculados contribuam para que haja um entendimento mais proveitoso no que diz respeito à recepção, a partir da compreensão da rede semântica estabelecida para a interação. Proporcionar o diálogo nesse espaço é a função do tutor e/ou do professor responsável em mediar constantemente a discussão, a fim de que as metas traçadas sejam realmente superadas. Estar no moodle e fazer parte de um

curso on line pressupõe um desafio de produção intelectual que pressupõe a construção de um vínculo cooperativo e/ou colaborativo.

Então, partindo dessas premissas, vou delinear o perfil deste artigo, lembrando que mesmo sendo este texto acadêmico de natureza científica, vou abdicar de usar a terceira pessoa e passarei a expor esta experiência em primeira pessoa, dialogando com o leitor. É evidente que não vou conseguir em poucos caracteres dar conta de toda a gama de discussão e de conhecimentos possíveis de serem articulados, é bem provável que haja lacuna em um ou outro tópico, o que com o tempo e a pesquisa em ação pode-se investigar. Para o momento, reflito sobre a experiência de criação espontânea em um curso de formação em nível de mestrado na plataforma moodle, articulando conceitos das áreas de Letras e Educação, no campo de domínio da cibercultura, com base nos postulados de Levy³ e Bakhtin⁴.

Pensando na estrutura, conceitos e bibliografia - um artigo que vai se produzindo em um ciberespaço, já parece ser uma boa novidade por se estar em aprendizado constante, porque como diz Guimarães Rosa⁵: “Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende”. Aprender em uma comunidade virtual de aprendizagem significa estar conectado a qualquer hora, a qualquer momento, produzindo ou não, interagindo ou não, vai da necessidade do aprendente, do ritmo de estudo, da vontade de estar ali, do interesse em realizar as atividades, leituras e fóruns propostos; caso contrário, o aprendente se torna um aluno virtualmente inoperante. Para compreender este movimento do ciberespaço, torna-se relevante situar alguns conceitos na rede semântica da interação virtual, a fim de constituir-se a teia de comunicação, atentando para os efeitos de sentido construídos na recepção e na produção de conhecimentos.

Quando os processos cognitivos ficam sofrendo intervenções sóciotécnicas de toda natureza, em função até mesmo do excesso de imagens e de informações a que nos submetemos dioturnamente, em função de vivermos em uma sociedade em vias de transformação, nós, professores e alunos, precisamos ter bem clara a noção de hipertexto até mesmo para auxiliar ou mediar situações de aprendizagem em contextos variados, como o AVA.

Pensando nisso, começo por citar definições de hipertexto, organizadas por Andrade⁶. Segundo a autora, a reflexão apresentada por Landow (1992) põe o hipertexto em cheque, conceituando-o como sequências fixadas, com começo e fim definidos, mostrando uma estória de certa magnitude definida e a concepção de unidade e de todo associada a conceitos. Para Landow, na narrativa hipertextual, o autor oferece múltiplas possibilidades através das quais os próprios leitores constroem sucessões temporais e

³ LEVY, Pierre. Filósofo e professor da Universidade de Paris VIII (Departamento de Hiperfídia). Publicou, pela Editora 34, *As tecnologias da inteligência* (1990), *O que é o virtual?* (1995) e *Cibercultura* (1999)

⁴ BAKHTIN, Mikhail. Sociólogo e Marxismo do início do século XX. Escreveu *Marxismo e Filosofia da Linguagem e Estética da Criação Verbal*, além de muitas outras. Autor da teoria da Interação Verbal.

⁵ ROSA, Guimarães. Escritor da Literatura Brasileira. Autor de *Grande Sertão: Veredas*.

⁶ ANDRADE, Heloisa & CORREA, Cláudia. *Noções Básicas de Hipertexto*. Site [www. Facom. Utba. Br/hiupertexto/nbasucas](http://www.Facom.Utba.Br/hiupertexto/nbasucas). Agosot/2007.

escolhem personagens, realizando saltos com base em informações referenciais. Esse conceito sofre variações, pois em Heim (1993), o hipertexto é um modo de interagir com textos e não só uma ferramenta como os processadores de textos, isso porque, pela característica do próprio hipertexto, o usuário interliga informações intuitivamente ou por associação; sendo que através de saltos - que marcam o movimento do hipertexto - o leitor assume um papel ativo, sendo ao mesmo tempo co-autor. O conceito de hipertexto em Ted Nelson (Apud Andrade,2007) possibilita novas formas de ler e escrever, um estilo não linear e associativo, podendo ser adotado como noção de hipertexto o conjunto de informações textuais, combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a permitir uma leitura (ou navegação) não linear, baseada em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de links. Os links agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações. Em Lévy (1993) o conceito apresentado para hipertexto consiste em um conjunto de nós ligados por conexões; os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto. Assim, para Levy, os itens de formação não são ligados linearmente, como em uma corda tal qual um nó, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Andrade (2007), então, discutindo o conceito de hipertexto com alguns autores, já citados, apresenta a definição de Levy como o mais próximo da noção adequada para o hipertexto em uso. Assim, passamos ao que Levy estabelece. Para caracterizar o hipertexto, Lévy recorre a seis princípios, que proporciona uma visão panorâmica, que, organiza, resume e amplia a idéia de rede que se pretende construir.

Pensando em uma comunicação operante, além da noção de hipertexto, é necessário compreender o léxico veiculado na literatura específica para a comunicação na plataforma moodle. Os conceitos apresentados compreendem a articulação dos postulados de Levy e do léxico da Língua Portuguesa.

Começo com o termo *Ciber que* tem origem inglesa e, em contextos relacionados à teoria da informação, significa virtual ou realidade virtual. Já o termo cultura é derivado do latim *cultura* e significa ato, efeito ou modo de cultivar; cultivo, constitui-se de um conjunto de características humanas que não são inatas e que se criam, preservam-se ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre os indivíduos de uma comunidade; também é a parte ou aspecto da vida coletiva, relacionados à produção e transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística; pode ser entendida como o processo ou estágio de desenvolvimento social de um grupo, de um povo, de uma nação que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações, dentre outras possibilidades contextuais (Idem).

Assim, o termo Cibercultura é conjugado pelos vocábulos ciber + cultura e designa o ato, efeito ou modo de cultivar o virtual e a realidade virtual, criando, preservando e aprimorando, através da comunicação e cooperação entre os indivíduos de uma dada comunidade virtual, a transmissão de conhecimentos ou informações. Em Lévy⁷ o vocábulo constitui-se em um gênero canônico, cibercultura é o mundo virtual. Não devemos entender esse termo no sentido estrito da simulação computacional de um universo tridimensional

⁷ LEVY, Pierre. 2005:p.145.

explorado com um capacete estereoscópico. Tem-se que apreender o conceito mais geral de uma reserva digital de virtualidades sensoriais e informacionais que só se atualizam na interação com os seres humanos. Lendo Levy, de acordo com os dispositivos, essa atualização é mais ou menos inventiva, imprevisível, e deixa uma parte variável para as iniciativas daqueles que nela mergulham. Os mundos virtuais podem eventualmente ser enriquecidos e percorridos coletivamente. Tornam-se um lugar de encontro e um meio de comunicação entre seus participantes. A World Wide Webe (www) por exemplo é um mundo virtual que favorece a inteligência coletiva, que se constitui o universo da cibercultura. Podemos distinguir dois grandes tipos de mundos virtuais: 1. aqueles que são limitados e editados, como os CD-Roms ou as instalações "fechadas" (off-line) de artistas ou mesmo o The sims; 2. aqueles que são acessíveis por meio de uma rede e infinitamente abertos à interação, à transformação e à conexão com outros mundos virtuais (on-line), o messenger ou chats, por exemplo.

Da rede semântica, percebemos o espaço, o contexto. A partir da noção de léxico, o ciberespaço compõe-se dos termos ciber + espaço, o que significa espaço virtual. Vocabulário de origem inglesa – *cyberspace* - substantivo masculino, sob a ótica semântica, constitui-se da dimensão ou domínio virtual da realidade, constituído por identidades ou ações puramente informacionais; meio, conceitualmente análogo a um espaço físico, em que seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem. Pode em certos contextos, significar o termo restritivo relacionado à Internet. Quando estamos navegando na AVA, habitamos um ciberespaço e interagimos com a cibercultura. No entanto, nem todos os espaços são configurados da mesma forma, há variações.

Em Levy⁸, a cibercultura e o ciberespaço são operados no mundo virtual, para se entender melhor esta questão, o autor apresenta um quadro com diferentes sentidos do virtual, do mais tênue ao mais complexo. Nesse quadro conceitual, ele apresenta em sentido comum, que o conceito de virtual está associado ao conceito de falso, ilusório, irreal, imaginário, mas possível; em sentido filosófico, virtual existe em potência e não em ato, existe sem estar presente; no mundo virtual, no sentido da possibilidade de cálculo computacional, pode ser definido como um Universo de possíveis calculáveis a partir de um modelo digital e de entradas fornecidas por um usuário; Mundo virtual no sentido do dispositivo informacional, pode ser definido como uma mensagem que ocorre em um espaço de interação por proximidade dentro do qual o explorador pode controlar diretamente um representante de si mesmo; e por fim, nesse mesmo quadro, o autor coloca que o Mundo virtual no sentido tecnológico estrito pode ser definido como ilusão de interação sensorio-motora com um modelo computacional. O virtual constitui uma categoria conceitual que se coloca em oposição ao real. é um espaço, uma realidade que se encontra em um suporte material. Uma não-realidade, uma realidade aparente, potencial. Comunicações via internet, comunicações semióticas, interação a partir da rede de conceitos e significações, nele a produção de texto pressupõe uma construção de sentidos⁹ macro e microestruturais.

⁸ Idem. Cf 2005:74

⁹ Kock, Ingedore Villaça. O Texto e a Construção dos Sentidos. São Paulo: Ed. Contexto, 1997.

É claro que temos algumas dificuldades em demonstrar toda a complexidade dos conceitos acima veiculados, além do mais, o entendimento preciso dos conceitos ou o seu não entendimento gera problemas na recepção das informações veiculadas nos ambientes virtuais de aprendizagem ou em qualquer outro ambiente de interação virtual. Não sei se concordo comigo, mas seria na interpretação das questões propostas, ou seja, da leitura que cada sujeito faz do material disponibilizado para estudo e realização de atividades que se compõe a rede de comunicação estabelecida; pois cada um de nós tem suas próprias experiências; dessa forma, se não forem bem direcionadas as questões em relação a um determinado tópico em estudo, o excesso de subjetivismo poderá atrapalhar. O que se torna uma aliada em uma sala de aula não virtual: diversidade de experiências, pode também ser um fator de dispersão. Então a dificuldade com as variadas leituras estabelece os variados discursos produzidos, e, conseqüentemente, de gêneros textuais em estudo e em produção. Aí vemos a questão da produção de texto e de conhecimentos, tanto coletivo bem como individuais, claramente dependentes dos fatores de recepção e dos processos de leituras estabelecidos, seja em qualquer tipo de gênero textual. Já não se tem, então, apenas o problema do conhecimento ou não conhecimento do léxico e da rede semântica utilizada na plataforma Moodle, mas, sim, uma questão de receptividade de informações que extrapolam o ambiente, pois dependem do sujeito que a opera e do sujeito que recebe. Se não houver interação entre todos estes aspectos, os AVA's poderão não atingir os objetivos que foram propostos no início do curso on line. Como resolver esta questão pode estar relacionado ao fato de se pensar em um nivelamento dos participantes do curso, considerado um conhecimento de base, o que estabelece restrições ao uso das AVA's para os níveis de educação básica e possivelmente para o nível médio não profissionalizante. Entretanto, não vou aqui aprofundar esta questão, deixamos para uma outra possibilidade, voltamos à questão central deste artigo.

Vamos à caracterização desse ambiente de aprendizagem na produção de textos. O ambiente virtual propicia o uso de ferramentas que facilitam a socialização das experiências de aprendizagem. Acredito que se aprende muito mais a partir do momento que se dialoga sobre as impressões de cada membro do grupo em um fórum estabelecido. A curiosidade torna-se inerente, aliada à vontade e à necessidade de aperfeiçoamento constante. No entanto, essa troca de experiências e de aprendizagens só pode efetivamente acontecer se todos se comprometerem a realizar suas tarefas de maneira adequada e conscienciosa. E para que possamos nos acostumar ao embate e ao desafio, precisamos estar atentos, embora tenhamos que respeitar o ritmo de cada um; isso porque o letramento digital para a nossa geração acontece em ritmo menos acelerado e cada qual apresenta suas dificuldades pessoais.

Para tentar compreender o ambiente virtual como um espaço de construção de texto e de aprendizagem, reporto-me ao texto de Okada e Santos¹¹ que trata da construção de ambientes virtuais de aprendizagem, os AVA's. Nesse artigo há uma discussão sobre a concepção tradicional de ensino e a apresentação de uma proposta de criação de espaços que privilegiem a co-construção de conhecimento, o alcance da consciência ético-crítica decorrente da dialogicidade interativa e intersubjetiva, propondo uma nova concepção de

¹¹ SANTOS, E. O. & OKADA, A. L. P. A Construção de Ambientes Virtuais de Aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no Ciberespaço. GT 16 AMPED, 2003.

ambiente, a comunicação de aprendizagem que se constituem AVA's. Trazem como argumento principal a afirmação de que: *A tradicional concepção de sala de aula, com alunos-expectadores enfileirados diante de um professor-especialista detentor da informação, deve ser modificada tanto nos ambientes presenciais, semi-presenciais ou não presenciais*¹². O grande desafio é combater o instrucionismo, a reprodução de conhecimentos e fragmentação do saber. As autoras propõem uma desmistificação do conceito de ambientes virtuais de aprendizagem, já que a utilização deste ambiente constitui-se em uma expressão muito utilizada contemporaneamente por educadores, comunicadores, técnicos em informática e tantos outros sujeitos e grupo/sujeitos interessados pela interface educação e comunicação com mediação tecnológica, mas especificamente pelas relações sócio-técnicas entre humanos e redes telemáticas de informação e comunicação.

Considerando as idéias de Ambiente e virtual, tendo por base o conceito de Lévy, da problematização sobre o que é virtualizar e o processo de aprendizagem, as autoras confirmam que podemos considerar que *um ambiente virtual é um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem, potencializando assim a construção de conhecimentos e a aprendizagem*¹³. Assim, todo ambiente virtual é um ambiente de aprendizagem como um processo sócio-técnico onde os sujeitos interagem 'na' e 'pela' cultura, sendo esta um campo de luta, poder, diferença e significação, espaço para construção de saberes e conhecimento. *Quando digitalizada, a informação se reproduz, circula, modifica e se atualiza em diferentes interfaces*¹⁴. É possível digitalizar sons, imagens, gráficos, textos, enfim uma infinidade de informações. Nesse contexto *a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social*¹⁵. Os novos processos criativos podem ser potencializados pelos fluxos sócio-técnicos de ambientes virtuais de aprendizagens que utilizam o digital como suporte.

Com referência em Okada e Santos, reproduzo conceitos base para o entendimento dos AVA's, esperando não me tornar repetitiva, porém vejo como importante a visão que elas apresentam, tendo em vista a experiência no assunto e o estudo sistematizado da questão, então mostro abaixo o conceito de rede e de e-learning. Segundo as autoras, rede é entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos e as interfaces digitais. Nessa híbrida relação, todo e qualquer signo pode ser produzido e socializado 'no' e 'pelo' ciberespaço, compondo assim, o processo de comunicação em rede, próprio do conceito de ambiente virtual de aprendizagem. As comunidades e-learning são aquelas mediadas por AVA., permitindo que através dos recursos da digitalização, várias fontes de informações e conhecimentos possam ser criadas e socializadas através de conteúdos apresentados de forma hipertextual, mixada, multimídia, com recursos de simulações. Assim, segundo as autoras, as possibilidades de comunicação *todos-todos* caracterizam e diferem os AVA de outros suportes de educação e comunicação mediadas por tecnologias. *Através de interfaces, o digital permite a hibridização e a permutabilidade entre os sujeitos (emissores e receptores) da comunicação (Idem)*. Neste processo a mensagem poderá ser modificada não só internamente pela cognição do receptor, mas poderá ser modificada pelo mesmo

¹² Idem, cf.p.1

¹³ Ibidem. Cf.p.2

¹⁴ ibidem. Cf.p.3

¹⁵ CASTELLS, Manuel A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 505

ganhando possibilidades plurais de formatos. Assim o sujeito além de receber uma informação poderá ser potencialmente um emissor de mensagens e conhecimentos.

Okada e Santos, definem, portanto, que os ambientes virtuais de aprendizagem são mais do que um simples conjunto de páginas web; eles correspondem a um conjunto de elementos técnicos e principalmente humanos, sendo que seu feixe de relações contido no ciberespaço (internet ou Intranet) apresentam uma identidade e um contexto específicos criados com a intenção de aprendizado. Por isso o trabalho colaborativo e a participação on line são características fundamentais; e deve existir muita interatividade entre os participantes, na construção de pesquisas, descobertas de novos desafios e soluções. As autoras esclarecem ainda que o conteúdo do curso deve ser fluido e dinâmico e estruturado pelos indivíduos do grupo. Assim, os ambientes virtuais de aprendizagem vistos como redes autopoéticas englobam os componentes técnicos (computadores, modem, conectores, servidores web, software, conjunto de sites), todo o conjunto de elementos físicos, biológicos e humanos (associados, membros, colaboradores, mediadores, programadores) e os seus feixes de relações que produzem e os constituem ao gerar as suas próprias dinâmicas de produções.

Concordando parcialmente com estas definições, vejo que, na realização de um planejamento, bem como na execução das propostas de um curso on line, não podemos deixar de considerar de suma importância a criação de ambientes virtuais que efetivamente contribuam para a construção do conhecimento e levem à aprendizagem significativa, sob a ótica interativa, interrelacional e intersubjetiva, quando me refiro ao ciberespaço.

Não vejo como oportuna a idéia de se desconsiderar a aula presencial e mesmo tradicional, pois os contextos são diferenciados. E se não fosse relevante o momento da palestra, do instrucionismo, deixaríamos de realizar encontros e comunicações em educação e nas demais áreas do conhecimento. Se verificarmos as agendas dos intelectuais deste país, o capital tem gerado muitas possibilidades de ganho em nome do marketing instrucional, uma vez que a escola deixou de construir conhecimentos e se está cada vez mais reproduzindo o ensino bancário nos diversos seminários, congresso e evento pelo país na produção de textos para leitura, já que a reflexão fica à mercê do que cada um escuta e apreende, a aprendizagem está cada vez mais internalizada. Mas, onde estão mesmo os leitores? Essa provocação não é aleatória. A questão relevante da recepção do conhecimento sociotecnicamente produzido também gera a exclusão, por vezes, em função talvez da rede semântica utilizada. A grande massa de estudantes do dito ensino regular e a maior parte da população concentrada no ensino público já não constitui o objeto de estudo da Educação neste país. Onde estão as discussões sobre a melhoria do processo de ensino-aprendizagem? Talvez, encarcerado em telas...ou mesmo na xerografia exacerbada da academia, na escassez de poder aquisitivo para a aquisição dos livros mais recentes ou mesmo nos livros fechados e empoeirados, não lidos, constituindo a estética figurativa de uma *estante leitora*...

Não obstante, no entretanto, tem-se que ponderar sobre o excesso de polaridade. Nem extirpar as tradições, nem execrar as inovações. Há de se interagir com todos os níveis de conhecimento. Há que se ler os filósofos e os clássicos em cada área do conhecimento. Há de se ler a contemporaneidade. Só no domínio do conteúdo, na organização, preparação e na projeção de objetivos possíveis de serem alcançados que podemos disseminar o conhecimento sócio cultural acumulado. Não basta um método ou uma técnica. Há de se pensar possibilidades em cada contexto e de acordo com a comunidade alvo, buscando a

maneira adequada de levar a sociedade ao letramento, a partir da aprendizagem da técnica da escrita e da leitura em todos os níveis psicosociolinguísticos, principalmente na era on line. Sei que muitos podem achar este pensar ultrapassado, pouco importa, o que me parece problemático aqui é a negação e a dicotomia, o excesso de dualismos que nortearam a cabeça pensante dos intelectuais do mundo até aqui. Parcerias são necessárias, interações possíveis, na conjugação do velho, do novo e do quadro, quando falo da escola. Só analisando os espaços intra e extra escolares em qualquer nível de formação que percebemos o vazio no qual se transformou a educação neste país e no mundo capital imperial do pós-colonial e neo-estruturalismo. O saudosismo aqui não é mera formalidade, mas uma busca possível *do começar de novo*, que não é uma mera redundância, abrir caminhos para reflexões e ações projetadas e executadas, com método e técnicas bem estabelecidas, um apelo à didática, mas não ao didatismo. Embora esse espaço seja pequeno, aqui recomeço minhas reflexões e convido a olhar o passado, entende-lo, percebê-lo, incorpora-lo para expandi-lo, multiplicando as possibilidades, em busca de uma educação qualitativa, eis uma proposição.

Voltando a pensar e a refletir no AVA e sua configuração. Observa-se que a estética é fundamental nesse ambiente, a organização também, porém quanto mais simplificados forem os processos e os ambientes, tanto mais eficaz o aprendizado, uma vez que a simplicidade nos remeterá a uma linguagem mais acessível e conseqüentemente a uma linguagem mais aberta e significativa para uma aprendizagem também significativa e produtiva. Os ambientes de aprendizagem virtuais devem primar pela objetividade, a fim de criar liberdade de escolha aos seus “navegadores”, caso contrário, fica-se à mercê do ostracismo, talvez. Mudam-se os espaços, mas a luta por um processo de aprendizagem produtivo, significativo e eficiente continuam. Principalmente quando pensamos na questão do texto, da autoria e na avaliação do processo, o que ainda se constitui em um novo e velho desafio.

A partir destas considerações, relato aqui e apresento uma impressão, ou melhor, uma reflexão. É fato que a flexibilidade de tempo e de espaço contribuem para a autonomia no processo de aprendizagem, sem sombra de dúvida, e isso por certo facilita a execução das tarefas propostas no moodle. Entretanto, se no início do curso on line não se faz comentários aos textos dos colegas, e mesmo ao longo do processo, essa dinâmica não perpassa por todos os fóruns, não se torna possível mensurar se houve ou não uma aprendizagem de todos; entretanto, a aprendizagem *per si* nesse espaço e em todo o curso ocorre, como bem já comentei, a partir da leitura, da reflexão e da escrita de textos. Se a participação fica boa ou não, creio que depende da realização de todas as proposições e da interação suficiente com todos em tudo. Realizar ou não uma tarefa depende de cada um, isso ficou bem explícito. A auto-avaliação não parece ser o ponto forte de quem está acostumado a ser avaliado, no entanto, vejo como primordial a auto-avaliação no decorrer de todo o processo a partir de fórum próprio disponibilizado desde o início do curso on line. No AVA, os critérios de avaliação devem estar constantemente sendo revisitados e seguidos, a fim de que o planejamento do curso seja executado e os objetivos cumpridos durante o processo de aprendizagem. O aluno virtual precisa desempenhar adequadamente o seu papel, mesmo com a pouca prática nessa atividade, apreendendo o máximo de todos os recursos disponibilizados. Os recursos necessitam instigar a participação efetiva do grupo, buscando diversificar a linguagem.

É fato que como um "feiticeiro", o ambiente propôs a modificação de padrões de comportamento e de visão de mundo, transformando a relação com os estudos e com os

processos individuais de aprendizagem, objetivos em boa parte atingidos. No entanto, há de se atentar para a diagramação dos textos disponibilizados, pressupondo as características individuais de cada participante, ou seja, proporcionando tipos de recursos e texto variados, com linguagens variadas para atingir todo o grupo, principalmente quando lidamos com portadores de dificuldades especiais.

No mais, creio que ser uma aluna virtual pode ser uma atividade interessante na medida em que se fica familiarizado com o ambiente do curso; afinal, dessa maneira pode-se perceber a própria escrita e a evolução do aprendente.

Mesmo assim, após esta produção e o que poderia ser um resumo e um depoimento, tive a noção real do que é produzir em um ambiente virtual e em um curso on line. Se durante todo o curso fiquei produzindo textos teóricos e com fundamentação teórica direcionada ao objetivo e ao tópico em estudo, só quando senti que o curso estava chegando ao seu término, na solicitação de uma avaliação de todo o processo, percebi o quanto a literatura, a linguagem e a experiência poética também afloraram, pois, há certas impressões e subjetividades que ficam bem mais significativas na poesia. Portanto, aprendi que fazer texto é diversificar gênero e vejo como promissora a experiência virtual, desde que sejamos atuantes e operantes durante o curso, obedecendo naturalmente o ritmo e os critérios de avaliação colaborativa. Do encaminhamento para novas experiências, fica não a conclusão deste texto apenas, mas um repensar processos, para além da poesia:

A criação¹⁶

Virtualidade de mu(n)dos encontros

rede enluarada e encantos

imagética, inventada, interiorizada

só em tese ligada

em cada gesto, em cada rosto, em cada tecla

só em si retroflexa

vida entre os dedos que se edita

a linha tênue entre o ser e o não ser

não configura uma página virada,

Que só em tela se faz incompreendida.

¹⁶ FONTÃO, Luciene. Poema produzido na plataforma MOODLE, no final do curso on line, semestre 2007.1.

Por fim, estar em um ambiente on line, viver o espaço e o entre-espaço traz mobilidade temporal e contextual para a organização, planejamento e execução de atividades, uma vez que facilita o dimensionamento do ritmo, tão difícil de estabelecer medianamente entre todos os participantes em uma sala de aula presencial. Entretanto, fica um alerta de que este tipo de curso deve ser oferecido para uma clientela já formada nos conhecimentos básicos e médios não creditando a realização de AVA's em escolas de ensino fundamental e/ou médio, exceto quando se tratar de curso pós-médio profissionalizante ou de um projeto que apresente um objetivo claro e bem definido com o intuito de fomentar a realização de atividades extracurriculares, um antigo dever de casa ou tarefa para o lar.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Heloisa & CORREA, Cláudia. *Noções Básicas de Hipertexto*. Site www.Facom. Utba. Br/ hiupertexto/nbasucas. Agosot/2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- KOCH, Ingedore V. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Ed Contexto, 1997.
- LEVY, Pierre. *A Inteligencia Coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34,1999.
- _____. *As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.
- MORAM, J . M ., MASETTO, M . T. e BEHRENS, M . A . *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 6ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2000.
- PALLOFF, R .M . e PRATT, K . *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço*. Porto Alegre; Artmed, 2002.
- PETERS, Otto. *O aluno virtual*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RABARDEL, P. *Lês hommes et les technologies. Approche cognitive des instruments contemporains*. Paris: Armand Colin, 1995.
- RAMAL, A . C. *Educação na cibercultura. Hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artimed, 2002.
- SANTOS, E. O. & OKADA, A . L .P . *A Construção de Ambientes Virtuais de Aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no Ciberespaço*. GT 16 AMPED, 2003.